

Aline de Camargo Barros¹

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luís Silva (SENAC)

Pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso junto ao Centro Universitário Senac em 2016

Esse ensaio trata-se de uma narrativa sobre uma suposta cidade murada, a cidade de Muur, onde os muros e as barreiras são a principal morada dos indivíduos, moldando, assim, a maneira na qual vivem, usam e circulam pelo espaço público privado e como se relacionam entre si. A narrativa partiu de um projeto de pesquisa que investiga e experimenta os muros da cidade de São Paulo. Logo, pode-se dizer que este relato é, de certo modo, uma alegoria de São Paulo, seus limites e cidadãos, criando um cenário imaginário no qual se assume a importância das fronteiras urbanas, tão presentes nas metrópoles contemporâneas, e como elas criam uma nova maneira de se viver e se relacionar no cotidiano de uma cidade fragmentada e individualista.

This essay is about a narrative of an alleged walled city, the city of Muur, where the walls and barriers are the main buildings, affecting the way citizens live, circulate in the public and private space and how they relate to each other. The narrative was built from a research project that investigates and experiments the walls of the city of São Paulo. Therefore, this story is a kind of allegory of São Paulo, its limits and citizens, creating an imaginary scenario in which one assumes the importance of the urban limits and how they can shape the relationships and the daily life on a fragmented and individualistic space.

Este ensayo se trata de una narrativa sobre una supuesta ciudad amurallada, la ciudad de Muur, donde los muros y las barreras son la principal morada de los individuos, afectando así la manera en que viven, usan y circulan por el espacio público y privado y cómo se relacionan entre sí. La narración partió de un proyecto de investigación que estudia y experimenta los muros de la ciudad de San Pablo. Por lo tanto, se puede decir que este relato es una alegoría de San Pablo, sus límites y ciudadanos, creando un escenario imaginario en el que se asume la importancia de las fronteras urbanas y como ellas moldean una nueva manera de vivir y relacionarse en lo cotidiano de una ciudad fragmentada e individualista.



Em Muur, todos vivem condicionados entre limites e obstáculos. As muralhas, cercas, grades e fronteiras formam faixas infinitas na cidade, não sabemos onde começam ou terminam. Chamam essas faixas de *murados*, que protegem uns aos outros, enquanto o lado de fora é esquecido, como um resto de uma cidade abandonada e encurralada. Cada murado tem uma característica, uma história e moradores que lá vivem. Os habitantes de Muur são individualistas, cada um vive em seu murado fechado para a cidade, não pertencem uns aos outros, não tem laços nem vínculos. Eles seguem costumes diários, funções e compromissos, e são cercados de regras e restrições. Vivem muito preocupados em segui-las e não se dão conta de que estão enclausurados.

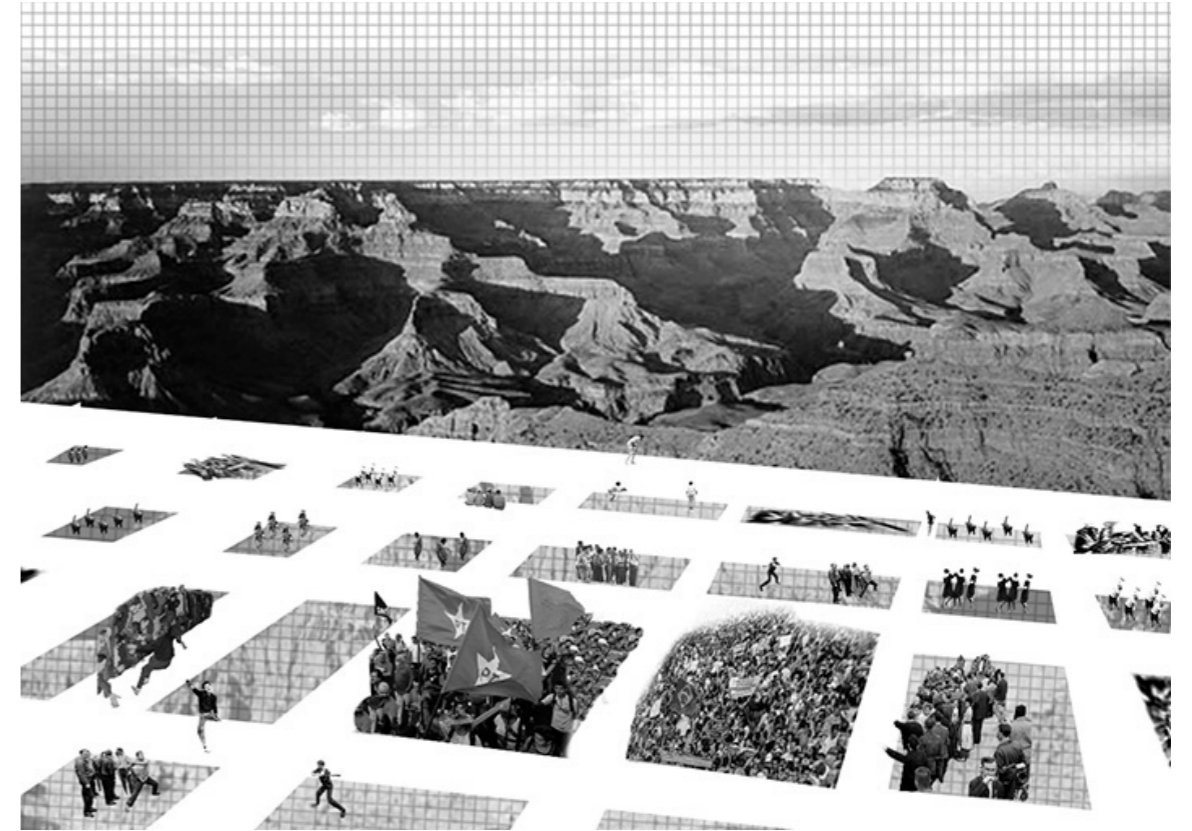
Neste relato, são descritos cinco diferentes murados encontrados na cidade de Muur e como os habitantes vivem e convivem junto a eles.

1. Muur e as divergências

Muur é uma cidade grande, com seus bilhões de habitantes que não conseguem viver com diferen-

ças. Assim, construiu-se um murado para os “diferentes”. É um dos murados mais extensos da cidade. Uma grade de muros e mais muros dividindo grupos, comunidades, clãs e famílias; são diferentes valores, ideias, gostos e aparências. Cada dia surge uma nova divisão dentro desse murado: todo dia surge um muro remendado a outro, uns em construção ou outros hostis, que evitam qualquer um que passa por ali.

Os habitantes que ali vivem passam o dia discutindo suas opiniões. Se uma opinião diverge com a do outro, nasce ali mais uma extensão do murado, constroem tijolo por tijolo antes que o sol se ponha. Há também aqueles que percebem que mudaram de opinião e, portanto, voltam aos seus nichos antigos ou migram para outro que acharem mais conveniente para si. Logo, muitos muros ficam abandonados, à venda ou em reforma. É desta maneira que Muur procura evitar a violência, a divergência e discórdia, assume sua forma segregada de ser e divide seus habitantes em ilhas uniformes, juntando seus semelhantes e garantindo, pelo menos, a identidade social de cada grupo da cidade.



2. Muur e o rio

No meio de Muur passa um rio. Conta-se, em uma lenda, que o rio era água de se beber, de se pular e de se pescar. Não se sabe como nem quando, o rio passou a feder, virou lixo descartável e todos o evitam para não sentir o seu cheiro. Assim, um grupo de moradores resolveu transformar o rio em muro. Subiram duas paredes invisíveis de vidros altos para barrar o mal cheiro de esgoto, mas que ainda assim fosse possível olhar o rio, como um grande aquário, e lembrar dos seus tempos de banhos refrescantes no verão de Muur.

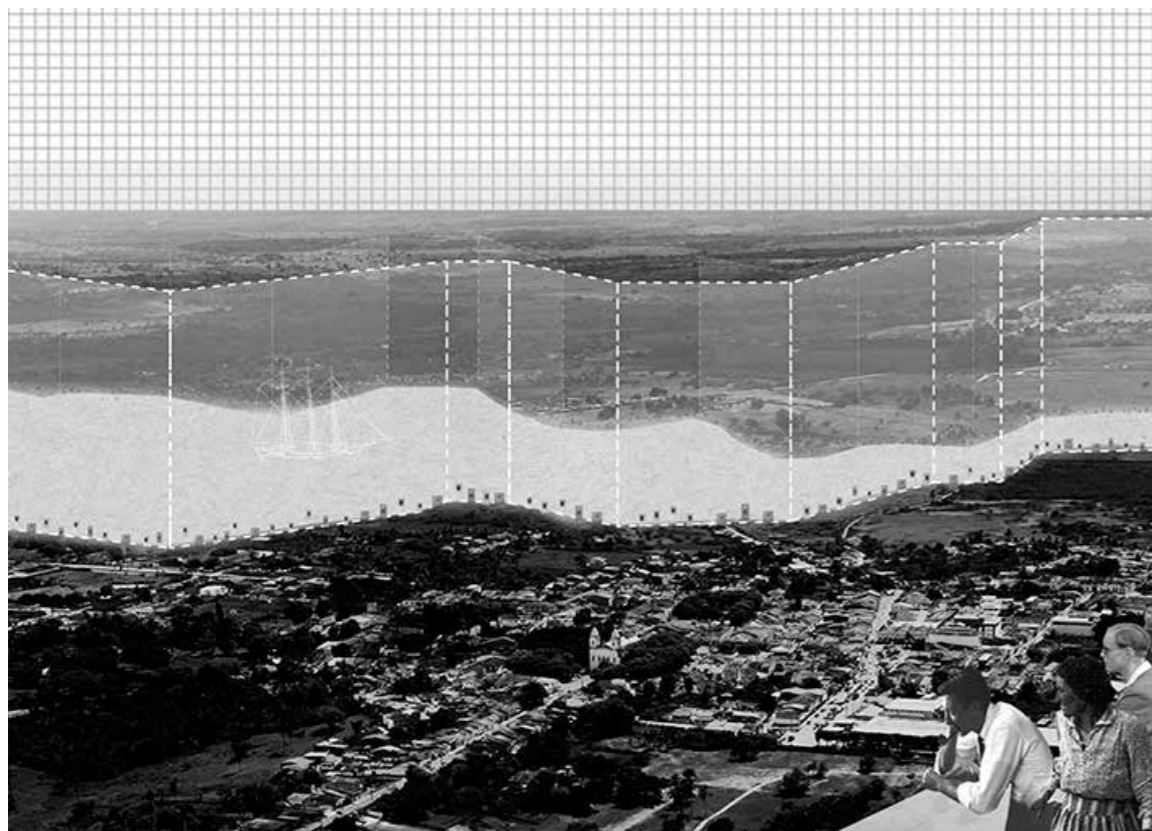
Muitos habitantes contestaram o rio murado. Agora os que estavam do lado de cá não mais podiam atravessar o rio para o lado de lá. Assim, para evitar qualquer rebeldia, o vidro que protege o rio é cercado por cabines de vigias. Os vigias não só tomam conta do murado mas também passam dias e horas cheirando o rio e criando fórmulas e descobertas para limpar de vez suas águas. Eles dormem em suas cabines aprisionadas de apenas alguns metros quadrados, acordam cedo, usam o rio como privada e aí então, começam a desenvol-

ver fórmulas, químicas e aparelhagens para limpar a sujeira que permeia a superfície d'água. São horas de esforço e não conseguem entender o porquê, de apesar de tantas tentativas, o rio fica ainda mais sujo com o passar do tempo. Homens vigias esforçados, aprisionados ao cheiro do rio murado.

3. Muur e a muralha

Assim como em muitas outras cidades, Muur é cenário de famosas lendas urbanas. Os habitantes conhecem e compartilham muitas histórias que aconteceram no passado, terrores, superstições que, com o passar do tempo, de boca em boca, foram ficando ainda mais amedrontadoras. A cada ano que passa, mais habitantes comentam sobre essas lendas e o medo de perder a vida é plantado e germinado em cada um. Logo, grande parte da população de Muur foi tornando-se cada vez mais medrosa, imaginavam as piores situações a todo momento, temiam a cidade e os outros e tudo era considerado uma ameaça a sua sobrevivência.

Não aguentando mais essa situação, parte dos habitantes de Muur decidiram construir um muro



tão alto quanto seus medos. Uma muralha defensora, um escudo para os seus temores. Foram anos de construção, pedra em cima de pedra até chegar na altura ideal. Para reforçar suas seguranças, os moradores da Muralha instalaram câmaras que vigiavam a todos e cercas elétricas que matavam qualquer um que alcançasse o seu topo. Quem morava ali dentro, passava o dia espionando as câmaras, rastreando qualquer movimento duvidoso e caçando seus medos. A Muralha era tão alta, pálida e intimidadora que ninguém de Muur conseguia desviar o olhar. Sua sombra protege grande parte da cidade durante o verão quente, e torna ainda mais frio o inverno gelado. Tomava conta da paisagem monótona da cidade. É a Muralha famosa, conhecida! Nunca ninguém conseguiu entrar dentro dela e aqueles que um dia pisaram lá dentro, nunca mais saíram. Muitos dos que vão visitar Muur não deixam de passar por essa grande parede dura, construída para a segurança daqueles lá de dentro, mas que permeia ainda mais o terror para aqueles do lado de fora.

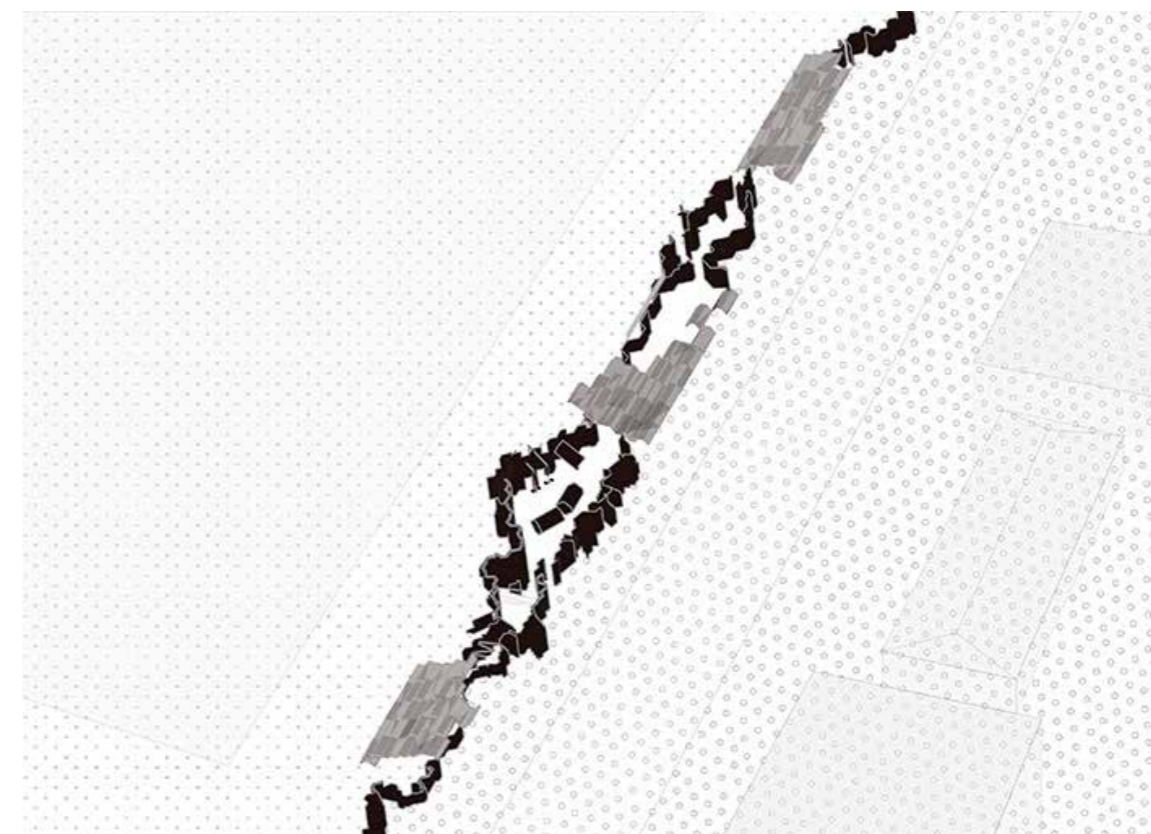
Com o passar do tempo, com a grande quantidade de turistas visitantes, muitos vendedores,

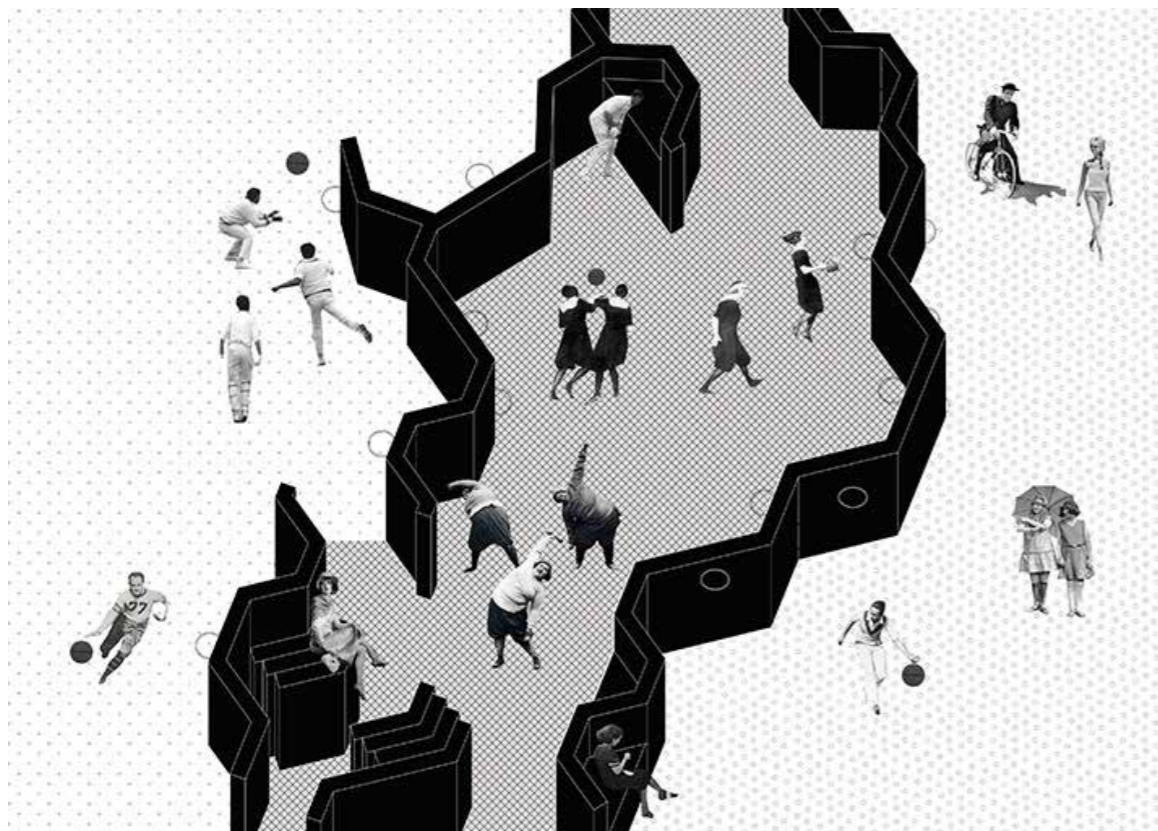
taxistas e outros tipos de comércio e serviços começaram a fazer da Muralha seu principal ponto de parada. Na beira da parede dura, construíram os pontos de vendas em horários ocasionais, com bancadas e bancos para quem ali parasse, lugar para taxista, lugar para ler, banca de jornal, lugar para deitar, sentar, riscar, pintar, escrever. Também foram abertos respiros no muro, agora aqueles do lado de dentro recebiam suas cartas, pizzas e *deliverys*. Na beira da Muralha tudo começou a tornar-se mais permeável, menos temeroso. Um lado via e conhecia o outro.

Assim, o topo da Muralha de Muur ainda é pálida, medrosa, vigia elétrica, dura e defensora, mas quando você se aproxima, lá no chão, encontra os verdadeiros habitantes de Muur, a parede com a voz do povo, o vendedor que grita, o habitante, que sem medo, se identifica e se apropria daquilo que é seu: a cidade e o muro.

4. Muur e o design

O muro virou moda. Construir os limites urbanos era divertido, era chique. Em uma certa ocasião,





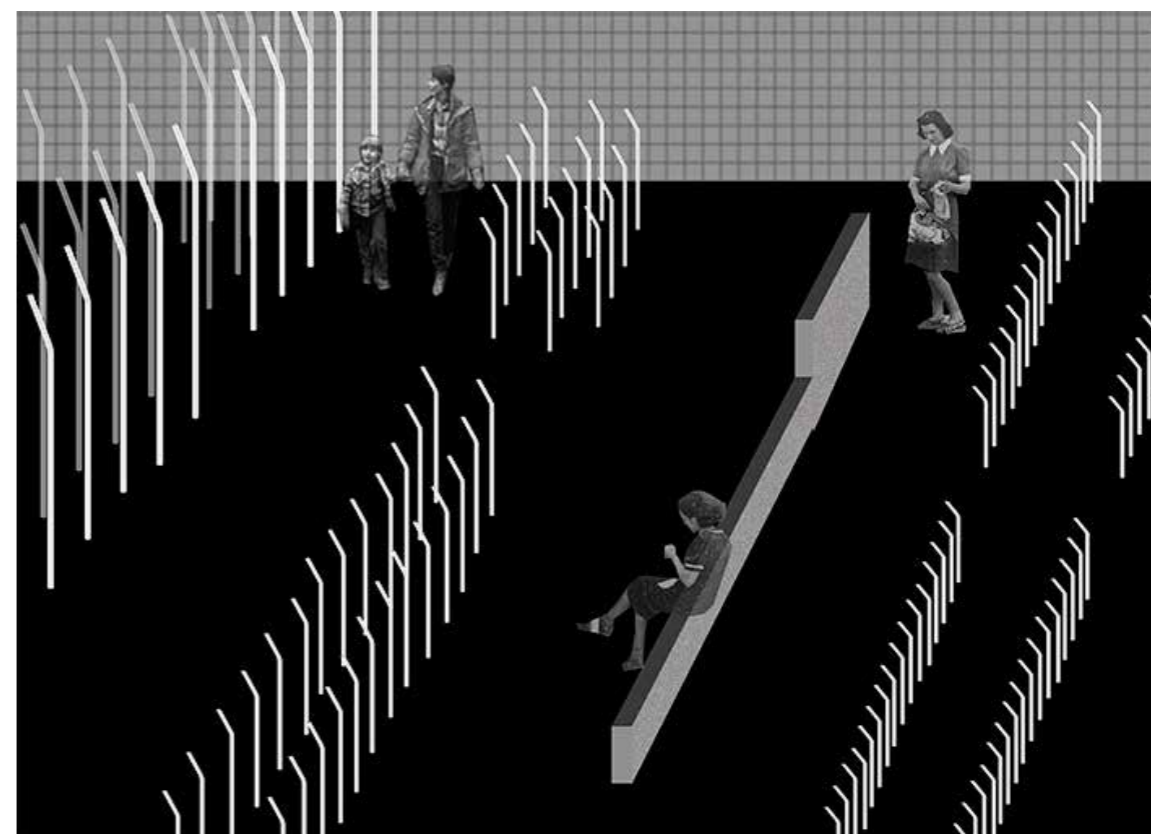
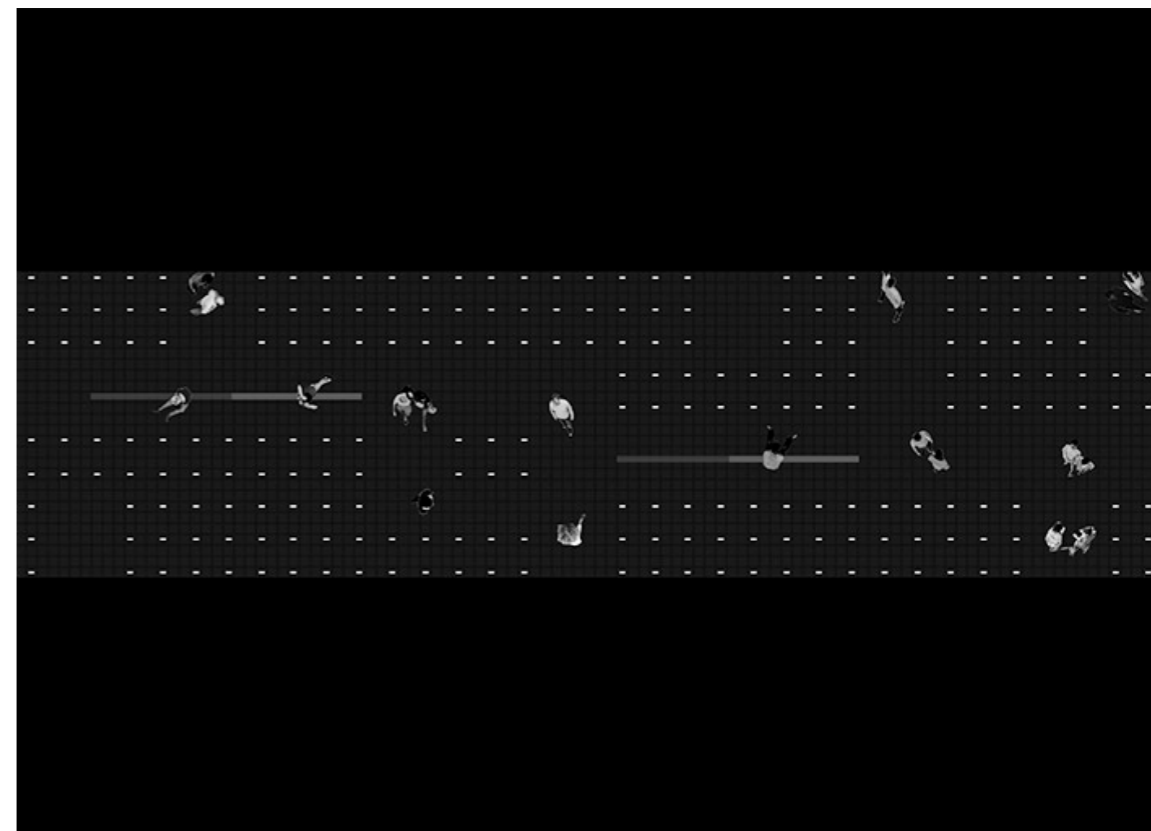
perto das reeleições, o governador de Muur convocou vários arquitetos para projetarem o melhor murado da cidade. O muro foi estudado, projetado e construído. Não se sabe ao certo se a culpa é do governador ou dos arquitetos, mas aquele que era para ser o muro do design tendência, hoje é conhecido como o deformado. É um muro com vários ângulos, traços e alturas. Ainda assim, não podemos desvalidar todo o trabalho feito. É um murado desenhado para diferentes usos, sua forma e material permite tanto aquele do lado de dentro como aquele do lado de fora se apropriar da parede deformada e estranha, mas muito acolhedora. É um limite que pode ser morada, onde os ângulos formam casas e acolhem aqueles de passagem e refugiados pela cidade. Para isso, o murado foi decorado e pintado, além de deformado é todo vaidoso e brega para atrair e acolher qualquer um. Assim como todo bom condomínio de casa, o muro também tem seu jardim e sua área de recreação. Ele pode ser parede de escalar, parede para andar e se equilibrar, parede para brincar, parede de se exercitar... O design deformado, apesar de muito estranho, ainda assim é muito divertido.

5. Muur e o esconderijo

Uma parte dos habitantes de Muur estavam cansados da correria do dia-a-dia, queriam viver em lugares mais escondidos, isolados de toda a bagunça e perigos urbanos. Queriam poder se esconder sem ao menos ninguém saber. Eles, portanto, se infiltraram dentro das florestas e parques da cidade e lá, estancaram muros ocultos, estacas finas e verdes, camufladas junto a paisagem, um murado quase imperceptível. Aqueles que queriam mais intimidade, tampavam suas grades com árvores e plantas, cobriam o muro com pelos e barbas da vegetação viva e verde. Os moradores dentro do murado oculto passam os dias se camuflando e se escondendo daqueles do lado de fora. Para isso, eles estudam as tonalidades das cores na paisagem e as pintam em seus muros camuflados. O muro faz parte da paisagem, ele é a paisagem.

Imagens

1. A cidade de Muur e seus cinco murados (elaborada pela autora)



2. O murado das divergências (elaborada pela autora)
3. O rio murado de Muur (elaborada pela autora)
4. A Muralha de Muur (elaborada pela autora)
5. O murado deformado (elaborada pela autora)
6. O design divertido (elaborada pela autora)
7. O murado camuflado na paisagem (elaborada pela autora)
8. Murado oco e de estacas finas (elaborada pela autora)

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. Encontros Etnográficos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BAUMAN, Zygmund. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

_____. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.

_____. Medo Líquido. São Paulo: Zahar, 2008.

BONASSI, Fernando. Para que servem os muros. Jornal Folha de São Paulo, 20 abril 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2004200418.htm>>. Acesso em fev. 2016.

BRUM, Eliane. Brasil, uma sociedade de muros? Disponível em: <<https://biochic.com.br/2015/08/02/2176/>>. Acesso em abr. 2016.

CALDEIRA, Teresa. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 1999.

CARERI, Francesco. Walkscapes: el andar como pratica estética. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. 103p.

HALL, Edward T. A dimensão oculta. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HARVEY, David. Justice, nature and the geography of difference. Inglaterra: Blackwell, 1996.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em fev. 2008.

KEHL, Maria Rita. Olhar no olho do outro. Disponível em: <<http://piseagrama.org/olhar-no-olho-do-outro/>>. Acesso em abr. 2016.

KENDZIOR, Sarah. Gentrificação: os perigos da economia urbana hipster. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/758003/gentrificacao-os-perigos-da-economia-urbana-hipster>>. Acesso em abr. 2016.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce; WERLEMANN, Hans. S, M, L, XL. Nova York: Monacelli Press, 1997.

KOOLHAAS, Rem. Três textos sobre a cidade. São

Paulo: Gustavo Gili, 2010.

MAU, Bruce; LEONARD, Jennifer; and The institute Without Boundaries. Massive Change. Londres: Phaidon, 2004.

NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OBRIST, Hans Ulrich. Rem Koolhaas, cultivating urban emptiness. Disponível em: <http://www.artnode.se/artorbit/issue4/i_koolhaas/i_koolhaas.html>. Acesso em mar. 2016.

PALLASMA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SARTRE, Jean Paul. O muro. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

SASSEN, Saskia. ¿Quién tiene el poder de crear fronteras? Disponível em: <http://cultura.elpais.com/cultura/2016/05/05/babelia/1462465935_795759.html>. Acesso em mai. 2016.

Notas

1. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Senac (2016) - alinecamargobarros@gmail.com